01 OUT 1991
CORREIO BRAZILIENSE

Democracia: aprende-se na escola?

Wasny de Roure

"Faça o que eu faço e não o que eu digo!" É o que os alunos aprendem do "currículo escondido" de seus educadores. Além dos fundamentos científicos e conteúdos técnicos que ajudam os educandos a atuarem criativa e criticamente sobre o meio em que vivem e do "saber inútil" das informações deslocadas de seu significado, o que realmente levamos pela vida afora são as atitudes aprendidas na convivência com professores e colegas, no contexto escolar.

Durante 20 anos de governos autoritários, por mais que a propaganda do regime cantasse "Eu te amo, meu Brasil" e a repressão anunciasse "Brasil, ame-o ou deixe-o", o capitalismo selvagem ensinava, na prática, o egoísmo individualista, o materialismo competitivo, a falta de solidariedade, a "lei de Gerson". Isso era muito útil para desmantelar os movimentos estudantis (que questionavam a ditadura) e para isolar as lideranças mais lúcidas, obrigando-as ao radicalismo, ao exílio ou ao amargo silêncio da importância e da frustração.

Quando se viu nascer e crescer uma geração alienada e sem compromissos com o bem-comum, esses mesmos senhores que patrocinaram a repressão dos idealistas engajados na transformação da sociedade brasileira começaram a clamar contra a "crise de valores" e a "falta de interesse pela democracia" de suas crias! Mas a sociedade que esses senhores representam nega, concretamente, os valores cristãos de justiça social e compromisso com o próximo, capazes de alicerçarem uma prática social e política verdadeiramente democrática.

Os meios de comunicação bombardeiam-nos constantemente com os discursos oficiais sobre a importância da educação para a "arrancada do desenvolvimento nacional". Mas não retratam ações desses mesmos governantes que comprovem seu interesse prioritário pela educação: verbas para o ensino público, remuneração condigna dos profissionais da área e respeito à opinião de estudantes e de toda a comunidade sobre a escola que temos e a escola que queremos no DF.

Finalmente a propaganda oficial fala em ouvir a população sobre todos os seus problemas: "Quando o governo escuta, é o povo que realiza". Isso supõe que os cidadãos sejam ouvidos sobre a educação no Distrito Federal. Mas o que todos nós "aprendemos com o "currículo escondido" do GDF é muito diferente.

Em 9 de novembro de 1985, o DF viveu um fato inédito no País: os alunos da rede oficial de ensino e seus pais ou responsáveis (representando a comunidade), juntamente com os professores, técnicos em educação e auxiliares de ensino, elegeram os diretores das escolas da rede pública e dos complexos escolares. A 13 de dezembro eles foram empossados numa festa cívica que "descomemorava" o AI-5. Essas eleições diretas simbolizavam a luta por democracia e participação popular em todos os níveis.

As eleições diretas para diretor partem do princípio de que "quem educa é a sociedade". Logo, não há verdadeira educação onde não há participação da comunidade no processo educativo. Por isso, o diretor eleito deve dividir com um Conselho Diretor ou Conselho de Representantes da Comunidade Escolar a gerência colegiada da unidade escolar.

Evidentemente, a democracia é uma prática que se aperfeiçoa no próprio processo. Assim como houve avanços, houve erros. Mas esses não são motivos para os inimigos da democracia e os autoritários negarem a validade do processo. Pelo menos os diretores eleitos pela comunidade devem responder à própria comunidade, pois serão cobrados por ela. Tampouco dirigirão a escola sozinhos ou cercados por seus apadrinhados, uma vez que os Conselhos dividirão com eles as responsabilidades: para o melhor e para o pior — isto é democracia! Ao contrário dos diretores nomeados, que só respondem aos que os escolhem de-cima-para-baixo, podendo usar do mesmo autoritarismo para fornecerem ou prejudicarem os servidores, conforme seu arbítrio pessoal.

A gestão democrática do ensino público, que a Constituição Federal consagra no art. 206, inciso IV, certamente não resolverá todos os problemas da educação no Distrito Federal, nem a educação resolverá todos os problemas sociais. (Não nos esqueçamos de que grande parte de nossas crianças e jovens está fora das escolas ou não tem escolas de boa qualidade!). Afinal, democracia real não é questão só de votar. É questão de direito ao trabalho, ao salário justo, de condições de vida, de moradia saudável, de escola pública e serviços de saúde para todos e de boa qualidade, de transporte confortável e de lazer humanizador num meio ambiente respeitado. Mas é preciso garantir a gestão democrática do ensino público na Lei Orgânica do DF. E pressionar o GDF. Para que a implante já, de modo que relações democráticas sejam o "currículo escondido" que nossas crianças e jovens aprendam na escola e pratiquem na sociedade, e não um discurso negado na prática que eles logo esquecerão. Só assim poderemos afirmar: "Democracia aprende-se na escola".

■ **Wasny de Roure é deputado distrital pelo PT**